

# PLANTAS MEDICINAIS, CARACTERÍSTICAS E USOS: UM ESTUDO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Marina Ana Batista MACHADO<sup>1</sup>  
Severina Alves de ALMEIDA Sissi<sup>2</sup>  
Rosineide Magalhães de SOUSA<sup>3</sup>  
Eliete WOLF<sup>4</sup>  
Jeane Alves de ALMEIDA<sup>5</sup>

## RESUMO

Neste trabalho trazemos os resultados de uma pesquisa realizada no assentamento Pontal do Marape, município de Nova estado do Mato Grosso. Trata-se de um estudo sobre a caracterização e uso das plantas medicinais. A pesquisa se efetivou mediante uma investigação quantiqualitativa, a partir da metodologia da pesquisa do tipo etnográfica. Os procedimentos foram aplicação de questionário e um roteiro de entrevistas com pessoas da comunidade, com a utilização das teorias de Severino (2000); Erickson (1984); Creswell (2007); Almeida, Albuquerque e Aoki (2012); Ataíde (2013), dentre outros. O objetivo foi pesquisar, identificar, compreender e analisar as formas de uso das plantas medicinais e suas características mais peculiares. Os resultados permitem afirmar que as plantas medicinais não somente são usadas como uma prática de medicina alternativa pela comunidade do Pontal do Marape, como também faz parte de uma cultura que é preservada de geração para geração. Na comunidade, todos, desde criança, aprendem a valorizar e usar as plantas medicinais mediante a orientação dos mais velhos, que se preocupam em repassar os conhecimentos e saberes para os mais novos, favorecendo a perpetuação de uma parte importante da cultura do homem do campo. Sendo assim, a educação, notadamente a Educação do Campo, se apresenta como fator primordial, uma vez que possibilita aos camponeses apreenderem conhecimentos científicos que, agregados aos conhecimentos tradicionais, promoverão novos saberes, que serão repassados às gerações futuras.

Palavras chave: Plantas Medicinais. Uso das Plantas Medicinais. Educação do Campo.

## MEDICINAL PLANTS, CHARACTERISTICS AND USES: A STUDY IN THE FIELD EDUCATION CONTEXT

## ABSTRACT

In this work, we bring the results of a survey conducted in the Pontal do Marape, municipality of Nova Mutum, Mato Grosso. This is a study on the characterization and use of medicinal plants. The research was accomplished through a quantitative and qualitative research, from the research methodology of

---

<sup>1</sup>Licenciatura em Educação do Campo pela Universidade de Brasília UnB. E-mail: [marina.ana.machado@gmail.com](mailto:marina.ana.machado@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestre em Ensino de Língua e Literatura; Doutora em Linguística; Professora Titular da Faculdade de Ciências Tocantins FACIT; Pesquisadora CNPQ grupo de pesquisa da Universidade de Brasília SOLEDUC; Pesquisadora vinculada ao Laboratório de Línguas Indígenas LALI Universidade Federal do Tocantins UFT. Orientadora da pesquisa. E-mail: [sissi@faculdedefacit.edu.br](mailto:sissi@faculdedefacit.edu.br).

<sup>3</sup> Doutora em Linguística; Professora Adjunta da Faculdade da UnB de Planaltina FUP. Coordenadora do grupo de estudos CNPq SOLEDUC. E-mail: [rosimaga@uol.com.br](mailto:rosimaga@uol.com.br).

<sup>4</sup> Psicóloga; Doutora em Educação do Campo. Professora de Faculdade da UnB de Planaltina. E-mail:

<sup>5</sup> Mestre em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1999); Doutora em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003); Pós doutora pela Universidade de São Carlos (2005). Atualmente é professora Associada da Universidade Federal do Sul da Bahia. E-mail: [jeaalmeida87@gmail.com](mailto:jeaalmeida87@gmail.com).

ethnographic type. The procedures were applied to questionnaire and interviews with people in the community, using the theories of Severino (2000); Erickson (1984); Creswell (2007); Almeida, Albuquerque and Aoki (2012); Ataide (2013), among others. The aim was to investigate, identify, understand and analyze the different uses of medicinal plants and its most distinctive characteristics. The results indicate that medicinal plants are not only used as a practice of alternative medicine by the Pontal do Marape, community and also part of a culture that is preserved from generation to generation. In the community, everyone from children, learn to value and use medicinal plants through the guidance of the elders, who are concerned about passing on knowledge and learning to younger, favoring perpetuation of an important part of the culture of the rural. Therefore, education, notably the Field Education, presents itself as a key factor, as it enables farmers to grasp scientific knowledge that aggregates traditional knowledge, promote new knowledge, which will be passed on to future generations.

**Keyword:** Medicinal Plants; Use of Medicinal Plants; Field Education.

## Introdução

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa sobre a caracterização e uso das plantas medicinais no assentamento Pontal do Marape, município de Nova estado do Mato Grosso. O intuito foi estudar as práticas do uso da medicação utilizada pelas famílias, considerando o conhecimento, os saberes e a cultura dos mais velhos, que vem repassando essa prática de geração para geração. Conforme Lorenzi e Matos (2002), todo este conhecimento etnobotânico foi passado oralmente ao longo de gerações, que juntamente com mitos e rituais, são aspectos importantes das culturas locais. Nesse sentido, o homem, ao proceder assim, preserva os saberes tradicionais e perpetua os conhecimentos adquiridos dos mais velhos, muitas vezes trocando receitas com outras pessoas, o que contribui para um convívio que promove a solidariedade entre as pessoas.

No dia-a-dia do assentamento Pontal do Marape as famílias têm uma relação ostensiva com as plantas, cultivadas em um canteiro ou colhidas na mata, elas sabem tudo a respeito de cada planta. Saliento que a comunidade conta com orientação sobre saúde com alguns cursos promovidos pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), quando aprendem técnicas de cultivo das plantas, procedimentos de como fazer os chás, xarope, pomada, etc. Essa ação do SENAR é importante, pois a aquisição do conhecimento de como fazer a dosagem, o preparo correto e quais plantas servem para tratamento de determinada enfermidade, facilita a vida das pessoas quando precisam de um remédio.

A pesquisa se efetivou mediante uma investigação quantitativa, a partir dos procedimentos da pesquisa do tipo etnográfica, além de um roteiro de entrevistas com pessoas da comunidade. Com efeito, o

estudo trata da caracterização e uso das plantas medicinais no assentamento Pontal do Marape, e se fundamenta teoricamente no diálogo com os autores como: Lorenzi e Matos (2002); Creswell (2007); Machado (2007), dentre outros. O objetivo foi realizar um levantamento de informações para analisar e compreender as formas de uso das plantas medicinais e suas características mais peculiares. Para isso, foi necessário observar o uso que as pessoas mais velhas e também os jovens fazem no cotidiano da vida no assentamento.

## **1. Universo da Pesquisa: O Estado do Mato Grosso<sup>6</sup>**

Na última década do século XX, os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, formavam uma única unidade federativa. No entanto, o governo federal, em 1997, decretou a divisão do estado, pois havia uma grande dificuldade de promover o desenvolvimento econômico na região em virtude de sua grande extensão. Com a fragmentação do território se originaram dois novos estados: Mato Grosso, ao norte, Mato Grosso do Sul, ao sul. No tocante ao estado de Mato Grosso, onde se encontra o Assentamento Pontal do Marape, está localizado no Centro-Oeste brasileiro, com

<sup>6</sup> Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia\\_de\\_Mato\\_Grosso](http://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia_de_Mato_Grosso); Acesso 11.Nov.2014; e IBGE (2010).

uma extensão territorial de 903.329,700 quilômetros quadrados. De acordo com o censo do (IBGE), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população mato-grossense, em 2010, totalizava 3.035.122 habitantes, possui 141 municípios, cuja capital estadual é cidade de Cuiabá, habitada por 551.098 pessoas.

### **1.4.2. Histórico do Município de Nova Mutum<sup>7</sup>**

O atual território do município de Nova Mutum foi formado a partir do desmembramento de terras do município de Diamantino. Nova Mutum é um município brasileiro do estado de Mato Grosso, possui um elevado nível de desenvolvimento humano, ocupando o 3º lugar nos índices do IDH – Índice de Desenvolvimento Humano (IBGE, 2010).

Sua população recenseada pelo IBGE em 2010 era de 31.649 mil habitantes, previsto para 2014 alcançar 38.206 mil habitantes. O município vem se destacando, dentre as 141 cidades de Mato Grosso, pelo ritmo acelerado da construção civil e loteamento. A principal atividade econômica é a agricultura, com enfoque para produção de soja, milho e algodão, fazendo do município um dos maiores produtores de soja, não só do

<sup>7</sup> Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Nova\\_Mutum](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_Mutum). Acesso 11-Nov-2014; e IBGE (2010).

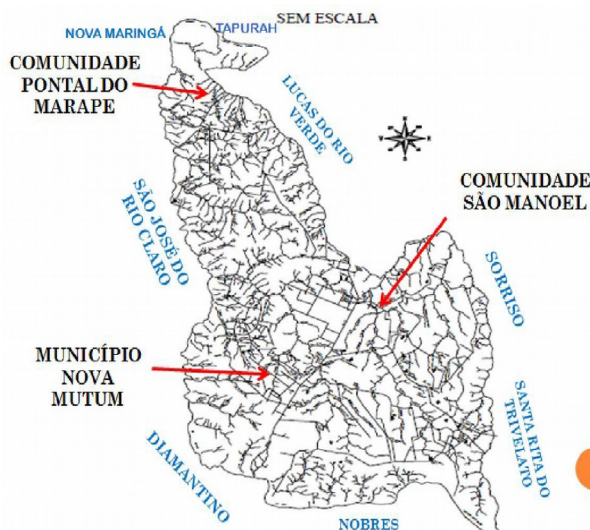
Estado de Mato Grosso, mas do Brasil. Além do agronegócio, outros grupos se destacam como: frigoríficos, indústrias, biodiesel e os frigoríficos de aves e suíno que produzem os produtos da marca Excelência, indústria de sucos de uva – Melina e o grupo Vanguarda Agro (IBGE, 2010).

O município se destaca também na formação acadêmica superior, pois conta com um campus da Universidade do Estado do Mato Grosso UNEMAT, oferecendo cursos de

atividades, segundo dados da Prefeitura Municipal<sup>8</sup>.

A comunidade Pontal do Marape localiza-se 160km do município de Nova Mutum estado do Mato Grosso, região centro oeste do Brasil. O assentamento Pontal do Marape teve sua origem no início de 1997, quando o INCRA destinou uma área de 14.000 hectares de terras com finalidades agrárias. Em agosto de 1999 foi eleita

**Fig. (1) Mapa do Estado do Mato Grosso indicando a localização do assentamento em relação ao município sede: Nova Mutum.**



Fonte: Acervo de Escola Municipal do Campo Jorge C. Ferreira (ALVARENGA, 2013, p. 28).

oficialmente a primeira associação de Agricultura Familiar dos assentados, com a denominação Pontal do Marape. Em outubro de 2000, foi iniciada a demarcação dos lotes e no mesmo ano foram entregues para as pessoas inscritas no INCRA. Foram entregues 350 lotes de 40 hectares em 2001, em seguida foi entregue aos moradores do assentamento um kit de materiais para construção de uma casa de alvenaria de 42m<sup>2</sup>. O assentamento Pontal do Marape, que leva esse nome devido a dois rios que cruzam o assentamento, sendo estes Rios Marape

e Arinos.

Engenharia Agrônoma, Administração e Ciências Contábeis. É. Pois, um município em grande crescimento, com a construção civil em ritmo acelerado, assim como o ramo de loteamentos. O crescimento na construção civil, no ano de 2006 para 2007, já ultrapassou mais de 150% de acréscimo nas

e Arinos.

<sup>8</sup> Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Nova\\_Mutum](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_Mutum). Acesso 11-Nov-2014; e IBGE (2010).

Fig. (5). Mapa do Assentamento Pontal do Marape.



Fonte: Acervo de Escola Municipal do Campo Jorge C. Ferreira (ALVARENGA, 2013, p. 28).

## 2. Breve Histórico da Educação do Campo e da LEDOC FUP/UnB – Universidade De Brasília

A educação do campo foi pensada em consonância com a realidade dos povos do campo. É uma proposta que visa a contribuir para a formação acadêmica e profissional dos jovens e adultos que vivem na realidade da escola do/no campo. Segundo Caldart (2012, p. 259), “A Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas”. Para a autora, o objetivo e os sujeitos que protagonizam a Educação do Campo remetem às questões do trabalho, da cultura, do

conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana.

Resultado das lutas dos movimentos sociais no Brasil, a Educação do Campo, de acordo com Caldart (2012, p. 259), vincula-se à realidade específica que a produziu, e

sendo assim “[...] já pode configurar-se como uma categoria de análise da situação ou de práticas e políticas de educação dos trabalhadores do campo, mesmo as que se desenvolvem em outros lugares e com outras denominações”. E, como análise, a autora acredita que é também compreensão da realidade que está por vir, tanto a partir de possibilidades ainda não desenvolvidas historicamente, mas indicadas, como por seus sujeitos ou pelas transformações em curso em algumas práticas educativas concretas, e também na forma de construir políticas de educação que atendam aos anseios do homem do campo.

Não obstante, o conceito de Educação do Campo é novo. Tem menos de dez anos. Surgiu como denúncia e como

mobilização organizada contra a situação atual do meio rural: situação de miséria crescente, de exclusão/expulsão das pessoas do campo; situação de desigualdades econômicas, sociais, que também são desigualdades educacionais, escolares. Seus sujeitos principais são as famílias e comunidades de camponeses, pequenos agricultores, sem-terra, atingidos por barragens, ribeirinhos, quilombolas, pescadores, e muitos educadores e estudantes das escolas públicas e comunitárias do campo, articulados em torno de Movimentos Sociais e Sindicais, de universidades e de organizações não governamentais. Todos buscando alternativas para superar esta situação que desumaniza os povos do campo, mas também degrada a humanidade como um todo (PPP/LEDOC, 2009).

Segundo Williams (2003, p. 80) citado por Caldart (2012, p. 259), “sempre é difícil datar uma experiência datando um conceito, porém, quando aparece uma palavra – seja uma nova ou um novo sentido de uma palavra já existente –, alcança-se uma etapa específica, a mais próxima possível de uma consciência de mudança”.

Nesse sentido, Caldart (2012, p. 259-260) afirma que:

O surgimento da expressão “Educação do Campo” pode ser datado. Nasceu primeiro como *Educação Básica do Campo* no contexto de preparação da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de julho 1998. Passou a ser chamada *Educação do*

*Campo* a partir das discussões do Seminário Nacional realizado em Brasília de 26 a 29 de novembro 2002, decisão posteriormente reafirmada nos debates da II Conferência Nacional, realizada em julho de 2004. (aspas da autora).

A autora argumenta ainda, que foi no âmbito das discussões de preparação do documento base da I Conferência, concluído em maio de 1998 do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera), debatido nos encontros estaduais que antecederam o evento nacional, que se materializaram os argumentos do batismo do que representaria um contraponto de forma e conteúdo ao que no Brasil se denomina Educação Rural.

Com efeito,

[...] Utilizar-se-á a expressão *campo*, e não a mais usual, *meio rural*, com o objetivo de incluir no processo da conferência uma reflexão sobre o sentido atual do *trabalho camponês* e das lutas sociais e culturais dos grupos que hoje tentam garantir sobrevivência desse trabalho. Mas, quando se discutir a educação do campo, se estará tratando da educação que se volta ao conjunto dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo, sejam os camponeses, incluindo os quilombolas, sejam as nações indígenas, sejam os diversos tipos de assalariados vinculados à vida e ao trabalho no meio rural. Embora com essa preocupação mais ampla, há uma preocupação especial com o resgate do conceito de *camponês*. Um conceito histórico e político (KOLLING, NERY E MOLINA, 1999, p. 26) *apud* (CALDART, 2012, p. 260).

Com efeito, a Educação do Campo atualmente, apesar dos visíveis avanços e estudos que se disseminam no Brasil, ainda é baseada no modelo de educação utilizado na zona urbana, utilizando os mesmos materiais como livros didáticos, que usam uma linguagem e fazem referência a objetos e

situações que, muitas vezes não são acessíveis às pessoas que vivem no campo, principalmente àquelas que vivem em assentamentos e/ou em regiões mais pobres.

De acordo com Oliveira e Campos (2012), para se compreender o cenário da educação básica do campo em meio à luta política pelos direitos humanos nas áreas rurais do Brasil (sertões, interior, campo, rincões), é importante considerar que estamos diante de uma imensa diversidade sociocultural, e que estamos diante de elementos, eventos, processo e movimentos que contribuem para a constituição dessa realidade.

Nesse contexto de atuação, continua até hoje as lutas pelos direitos: direito à educação, a moradias, à saúde, ao lazer, à igualdade, dentre outros. Os movimentos sociais continuam com essas lutas, e seus militantes são incansáveis na busca de parcerias que sejam meios de luta para que os camponeses permaneçam no campo.

Conforme Cury (2008) *apud* Oliveira e Campos (2012), a importância do conceito de educação básica, embrionária na constituição de 1988, nutriu-se da legitimidade de vários movimentos sociais, tais como sindicatos, movimentos estudantis, ambientalistas, enfim, diversos segmentos que, organizados, lutam pela universalização da educação escolar.

Nesse sentido, a década de 1990 foi importante para consolidar outros movimentos pela universalização do direito à educação básica e às diversas modalidades de educação, (educação de jovens e adultos – EJA, educação especial, educação do campo) que reconfiguram os espaços públicos e privados no quadro das lutas populares, ampliando o campo de conquista de direitos.

Com efeito, a educação básica é um conceito avançado e inovador para o Brasil, na medida em que se institui em meio à efervescência de propostas reivindicadas pelos movimentos sociais, ao mesmo tempo em que se torna um bem público e amplia o campo dos direitos. Compreendida assim, a educação básica necessita de políticas de universalização para se tornar efetivamente um direito de todos, inclusive dos povos do campo (CURY, 2008) *apud* (OLIVEIRA; CAMPOS (2012).

### **2.1. Licenciatura em Educação do Campo LEDOC FUP/UnB**

O curso de Graduação de Licenciatura em Educação do Campo da FUP/UnB, aprovado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPE - da Universidade de Brasília, e cuja primeira turma teve início em 2007, atende à demanda formulada pelo Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria de Educação Superior e da

Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade, endereçada à Universidade de Brasília mediante carta-convite em novembro de 2006. Tem como objeto a escola de Educação Básica do Campo, com ênfase na construção da organização escolar e do trabalho pedagógico para os anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio (PORTAL DA FUP: <http://www.fup.unb.br/>. Acesso em 09-Nov-2014).

O Curso pretende formar e habilitar profissionais na educação fundamental e média que ainda não possuam a titulação mínima exigida pela legislação educacional em vigor, quer estejam em exercício das funções docentes, ou atuando em outras atividades educativas não escolares junto às populações do campo. O curso tem a intenção de preparar educadores para uma atuação profissional que vai além da docência, dando conta da gestão dos processos educativos que acontecem na escola e no seu entorno. O Curso tem como objetivo de formar educadores das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul, para atuar na Educação Básica em escolas do campo, pretende, simultaneamente, contribuir para a construção coletiva de um projeto de formação de educadores que sirva como referência para políticas públicas de Educação do Campo (IBIDEM).

O Curso foi implementado mediante parceria com o Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária - ITERRA, instituição de ensino sediada no Rio Grande do Sul, com larga experiência em formação de educadores do campo, atendendo à intenção do Ministério da Educação de estimular a parceria das IES com entidades educacionais que atuam junto às populações do campo (PORTAL DA FUP: <http://www.fup.unb.br/>. Acesso em 09-Nov-2014).

Em agosto de 2007 realizou-se o primeiro vestibular, promovido pelo CESPE/UnB, para a Licenciatura em Educação do Campo, aprovando 130 candidatos, dos quais 60 foram convocados para compor a primeira turma, cuja 1ª Etapa/Semestre teve início em 24 de setembro. Em julho de 2008 foi realizado o vestibular para a segunda turma, com 55 alunos aprovados, cujas aulas terão início em outubro de 2008. Esta segunda turma está composta por alunos do Centro-Oeste e contará com a parceria de universidades federais e estaduais desta região, além da Escola Técnica Federal de Brasília – unidade de Planaltina (IBIDEM).

A LEdoC tem possibilitado ao estudante camponês o acesso a uma formação em nível ensino superior, com o direito de



troca de conhecimento, mediante um trabalho coletivo e uma convivência com os outros camponeses que também estão em processo de formação acadêmica. Considerando, ademais, que o campo é um espaço de muitas diversidades de conhecimentos que precisam ser compartilhados com outros, que se tornarão agentes de suas próprias histórias.

### **2.1.1. Pedagogia da Alternância**

A Pedagogia da Alternância é um princípio teórico e metodológico que rege as ações do curso de Educação do Campo da LEdoC. Segundo Silva (2003) a alternância se inicia na França, em 1935, com a criação da primeira Maison Familiale Rurale, por meio da organização de um grupo de agricultores preocupados com a formação de seus filhos e com o desenvolvimento da região em que viviam. A autora relata detalhadamente todo o processo e o contexto histórico, no entanto caberá aqui apenas relatar o conceito de Pedagogia da Alternância, uma alternativa metodológica de formação profissional para os filhos de agricultores de nível técnico onde o aluno possa estudar em regime de internato ou semi-internato e outros períodos em casa.

**Figura (4).** FUP/UnB Planaltina – prédio das salas de aula da LEdoC.



**Fonte:** Almeida (2014).

A introdução da Pedagogia da Alternância no Brasil remonta ao final da década de 1960. Os atores locais conhecem o Programa de Alternância sob o modelo italiano e, assim, fundam as Escolas Famílias Agrícolas (EFAs), por meio da União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (Unefab) e das Casas Familiares Rurais (CFRs), duas experiências educativas em alternância que marcam o Movimento Maisons Familiares Rurales no Brasil. O ponto de partida em alternância é a experiência das EFAs, em 1969, no Estado do Espírito Santo, tendo, em 2004, sete centros educativos, denominados no Encontro de Foz do Iguaçu, em 2001, de Centros Familiares de Formação por Alternância (Ceffas), em que a maioria assumiu este termo (QUEIROZ,

2004) *apud* (CORDEIRO, REIS; HAGE, 2011, p.119).

A Pedagogia da Alternância é uma alternativa para os alunos do campo, devido às necessidades específicas desse segmento social. As escolas que adotam o regime de alternância no meio rural trabalham com uma proposta específica para o campo, onde a escola enfatiza aspectos como: a falta de recursos para atividades básicas do campo, superação da escola divorciada da realidade local dos alunos, da necessidade dos alunos ficarem na propriedade com sua família, dentre outras dificuldades.

Segundo Arroyo, Caldart e Molina (2004) *apud* Ribeiro (2008), a educação do campo No Brasil, historicamente tratada como educação rural, tem um significado

que incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura, mas que, não obstante, os ultrapassa ao acolher em si os espaços pesqueiros, caçaras, ribeirinhos e extrativistas. O campo, nesse sentido, mais do que um perímetro não urbano, é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições da existência social e com as realizações da sociedade humana.

### 3. Etnobotânica e Fitoterapia: O Estudo das Plantas Medicinais

A etnobotânica e a fitoterapia incorporam conhecimentos que as pessoas acumularam ao longo dos anos sentido, as comunidades tradicionais, em função da influência que recebem do meio natural, apresentam modos de vida e culturas diferenciadas, mas sempre com alguns aspectos em comum. Seus hábitos estão diretamente submetidos aos ciclos naturais, e a forma como apreendem a realidade e a natureza é baseada não só em experiência e racionalidade, mas em valores, símbolos, crenças e mitos (MONTELES E PINHEIRO, 2007).

Os autores citam Diegues (1996), argumentando que a relação simbiótica<sup>9</sup> entre

<sup>9</sup> **Simbiose** é uma relação mutuamente vantajosa entre dois ou mais organismos vivos de espécies diferentes. Há alguma indefinição nos conceitos associados a este

homem e natureza, presente tanto nas atividades produtivas, quanto nas representações simbólicas do ambiente em que interagem permitindo que tais sociedades acumulem amplo conhecimento sobre os recursos naturais ocorrentes em seus territórios.

#### 3. 1. Etnobotânica<sup>10</sup>

O termo “etnobotânica” foi utilizado pela primeira vez em 1896, pelo botânico americano William Harshberger para designar o estudo da relação entre os humanos e as plantas utilizadas por eles. Balick & Cox (1999), a definem como sendo o campo de estudo que analisa o resultado da manipulação de plantas, ou partes dos vegetais, por culturas tradicionais, assim como o contexto cultural em que cada planta é utilizada. Para Heinrich et al. (2004) a etnobotânica é uma ciência que estuda a relação entre humanos e plantas em toda sua complexidade, e é baseada geralmente na observação detalhada e estudo do uso que uma sociedade faz das plantas, incluindo as crenças e práticas culturais associadas com este uso.

termo. Assim, dever-se-á ter presente que a simbiose implica uma inter-relação de tal forma íntima entre os organismos envolvidos que se torna obrigatória. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Simbiose>. Acesso em: 17-Nove-2014.

<sup>10</sup>

Fonte: <http://www.cee.unifesp.br/etnofarmacologia.htm>. Acesso em 11-Nov-2014.

### 3.2. Fitoterapia

Segundo Alves e Silva (2003), a fitoterapia consiste no uso interno ou externo de vegetais “*in natura*” ou sob a forma de medicamentos no tratamento de doenças. É, pois, uma atividade que precisa se efetivar mediante ações programadas. Em seus estudos, Tomazzont, Negrelle e Centa (2006) afirmam que:

Um programa adequado de fitoterapia deve incorporar um conjunto de atitudes, valores e crenças que constituem uma filosofia de vida e não meramente uma porção de remédios. Portanto a implantação de determinadas políticas de saúde depende de um conjunto de informações essenciais, que possam subsidiar a construção da situação da saúde local e a orientação do modelo de atenção. Dentre estas informações, é importante conhecer como as pessoas vivem, seus valores, suas crenças, seus costumes enfim fatores que possam estar interferindo no processo saúde-doença dessa população, constituindo-se numa estratégia importante para a melhoria da saúde e de vida da população (TOMAZZONT, NEGRELLE E CENTA, 2006, p. 116).

Dessa forma, a fitoterapia se incorpora a cada cultura, e se configura como uma atividade repleta de significados. Todavia, sua utilização depende de um conjunto de informações, modos adequados de uso e alguns cuidados, uma vez que, como qualquer medicamento, os remédios fitoterápicos precisam ser monitorados para ter eficácia.

Conforme Rezende e Cocco (2002):

A utilização da fitoterapia que significa o tratamento pelas plantas vem desde épocas remotas. A referência mais antiga que se tem conhecimento do uso das plantas data de mais de sessenta mil anos. As primeiras descobertas foram feitas por estudos arqueológicos em ruínas do Irã. Também na China, em 3.000 a. C., já existiam farmacopeias

que compilavam as ervas e as suas indicações terapêuticas. A utilização das plantas medicinais faz parte da história da humanidade, tendo grande importância tanto no que se refere aos aspectos medicinais, como culturais (REZENDE e COCCO, 2002, p. 283).

Ainda de acordo com essas autoras, isso ocorre ainda nos dias atuais, de modo que a utilização de plantas medicinais faz parte da história da humanidade mesmo antes da era cristã. Sua evolução prevalece ainda nos dias atuais, quando as pessoas vão aperfeiçoando os seus modos de plantio, e a sua forma de colheita e uso. Há de se considerar também as crenças e a cultura local, uma vez que cada povo, notadamente os camponeses, tem formas diversificadas de utilização das plantas medicinais.

### 4. Conceitos de Plantas Medicinais

Conforme Amorozo (2002), em geral as comunidades tradicionais possuem conhecimento básico do uso de plantas medicinais, e estas informações são trocadas entre indivíduos num processo dinâmico de aquisição e perda. Porém, ao estar fazendo o resgate do conhecimento das plantas medicinais e suas técnicas terapêuticas, se faz presente nosso modo de registrar, valorizar, contribuir e gerar informações sobre a saúde, tendo como locus a comunidade do Pontal do Marape.

Conforme Balick & Cox (1997), citados por Giraldo e Hanazaki (2010):

[...] Desde os primórdios da existência humana, os homens buscam na natureza recursos para melhorar suas próprias condições de vida, aumentando suas chances de sobrevivência. Tal interação é fortemente evidenciada na relação entre seres humanos e plantas, uma vez que os usos dos recursos vegetais são dos mais diversos e importantes, como é o caso da alimentação e das finalidades medicinais, bem como a construção de moradias e a confecção de vestimentas (BALICK & COX, 1997) *apud* (GIRALDI E HANAZAKI, 2010, p. 395).

Entretanto, ainda nos dias de hoje, assim como nos tempos passados, existe uma prática tradicional de manutenção das plantas medicinais, que tem uma forma simples de ser cultivada, modos de colheita e de uso, que facilitam o manuseio e a utilização dos remédios, favorecendo a saúde das pessoas.

Segundo Rodrigues e Guedes (2006):

A situação econômica e a busca de uma melhor qualidade de vida têm constituído alguns dos principais fatores associados à grande divulgação do uso de plantas para a cura de doenças. Esse fato pode estar também associado ao uso indiscriminado que pode trazer riscos à saúde. Plantas cultivadas ou que surgem espontaneamente em locais onde foram ou são utilizados agrotóxicos, contaminação por microrganismo oriundo do solo ou da água, que podem receber lixo e esgoto, ao invés de curar, podem potencializar os sintomas ou serem responsáveis por novas doenças (RODRIGUES; GUEDES, 2006, p. 2).

Com efeito, os seres humanos que fazem o uso de plantas medicinais precisam de alguns procedimentos e cuidados, uma vez que as plantas atualmente são cultivadas com o uso ostensivo de produtos químicos que causa danos à saúde. Porém, os camponeses têm sua sabedoria e sua cultura, não utilizam agrotóxicos em suas plantações em casa.

Também têm suas crenças, modos próprios de fazer a colheita, pois tudo tem a sua hora, não pode colher a planta quando está sol, somente depois que o sol se põe ou então antes do sol nascer.

### **3.1. Resultado e Discussão: As Plantas Medicinais e Suas Formas de uso na Comunidade do Assentamento Pontal Do Marape**

Desde a pré-história os seres humanos fazem uso de remédios caseiros utilizando as plantas medicinais em forma de chás, compressas e xarope. Também não podemos esquecer dos índios que ao longo dos anos até os dias de hoje, fazem o uso das plantas medicinais passando de avós, mães e filhas. Onde eles têm um vasto conhecimento prático a sua diversidade cultural. Com sua sabedoria tendo horário para a coleta das folhas e raiz ou casca, tendo um cuidado de como armazenar para o consumo (SPETHMANN, 1967).

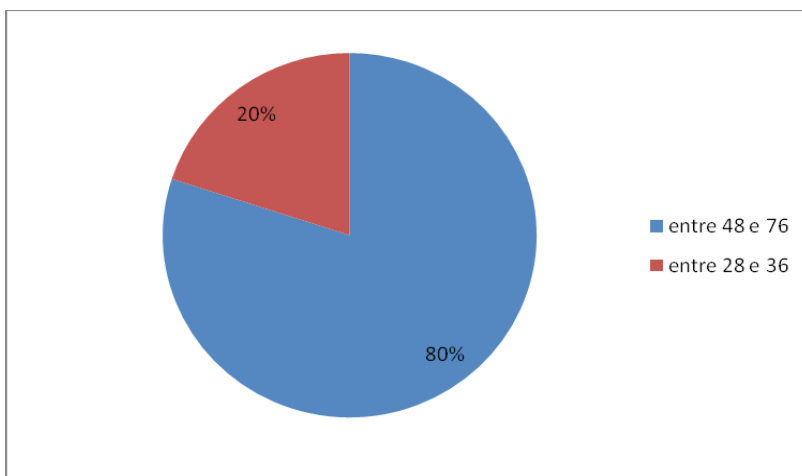
Ainda de acordo com esse autor, desde tempos remotos o homem utiliza frutas, legumes, ervas, água e argila para curar seus males. Mesmo na época atual, em que a tecnologia médica mostra-se capaz de realizações espetaculares, muitas pessoas continuam adeptas da medicina natural por divisarem nela o meio ideal para recuperar a saúde e manter o equilíbrio orgânico.

Com efeito, as pessoas sentem orgulho em poder fazer uso da medicina alternativa, não deixando se perder os conhecimentos, os saberes e fazeres tradicionais. Elas cultivam em suas propriedades diversas plantas medicinais e também comestíveis, quando as utilizam nos alimentos. No assentamento Pontal do Marape, as vinte pessoas pesquisadas passam os seus conhecimentos e informações referentes ao uso das plantas medicinais de geração em geração. As práticas dos remédios caseiros de cura para as enfermidades são adquiridas pelos familiares ou amigos que trocam receitas. As pessoas que vivem no assentamento são de diversas regiões do país, e trazem consigo um vasto conhecimento repleto de valores e crenças.

### 3.1.1. As Plantas Medicinais conhecidas e utilizadas na Comunidade

Durante a aplicação do questionário com as (20) pessoas participantes da pesquisa, dos gêneros feminino e masculino, com faixa etária variando entre vinte e oito (28) e setenta e seis (76) anos de idade, assim distribuídos: Dezesseis (16) pessoas com idade entre quarenta e oito (48) e setenta e seis (76) anos; e quatro (4) pessoas, com idade entre vinte e oito e (28) e trinta e seis (36) anos. O Gráfico 1 mostra detalhes.

Gráfico (1): Participantes da pesquisa por faixa



etária.

Como informa o gráfico 1, 20% das pessoas pesquisadas têm idade variando de vinte e oito (28) e trinta e seis (36) anos, enquanto 80% têm vinte e oito (28) e setenta e seis (76) anos de idade. A preferência por um número maior de pessoas com mais idade deve-se ao fato de estas, pela vivência dos anos a mais, terem mais experiência, o que favorece terem conhecimentos mais ampliados acerca das plantas medicinais.

Reiteramos que a pesquisa se efetivou mediante entrevistas com aplicação de questionário nas casas, e fazendo observação onde se encontram as plantas medicinais. Tal procedimento facilitou o levantamento etnobotânico, que encontra sustentação teórica na literatura estudada, que aborda conhecimento, formas de uso, doenças tratadas e a dosagem utilizada, considerando uma enorme diversidade de espécies de

plantas medicinais que foram citadas pelas famílias. Ademais, algumas plantas fazem parte da vida familiar, quando se observa que elas estão em vários lugares do quintal e até dentro de casa, bem como na reserva legal. Algumas delas estão plantadas em latas, outras em canteiros, sendo a maioria cultivada com muito cuidado, numa relação bastante afetiva.

Em geral, 100% dos entrevistados afirmam que aprenderam a utilizar as plantas medicinais a partir da convivência familiar como avós, mãe e tia, sendo estes os principais transmissores dos conhecimentos. Observa-se que as mulheres têm maior participação na construção desse conhecimento, sempre utilizando a mãe como referência de aprendizado. Do ponto de vista cultural, a mulher sempre teve um papel importante nos cuidados da saúde da família, notadamente na vida camponesa.

Nesse sentido, passamos a descrever e discutir o questionário aplicado. Visando a manter a identidade dos entrevistados reservada, os nomeamos de E1, E2...E20 (entrevistado 1, entrevistado 2...entrevistado 20). As respostas estão em forma de excertos, de 1 a 12, correspondendo as 12 perguntas efetuadas. Como a primeira pergunta solicitava a identificação do entrevistado (o questionário consta de 13 perguntas),

apresentamos as respostas somente de 12 perguntas, conforme excertos de 1 a 12.

**Excerto1. O que você entende por “medicina popular?”**

- E1: São os medicamentos naturais e caseiros (ervas medicinais).
- E2: Remédios caseiros naturais.
- E3: O conhecimento que se tem e o uso de ervas medicinal em moléstias.
- E4: Remédios caseiros.
- E5: São remédios feitos de ervas, que os nosso antepassados faziam uso e passam para seus filhos.
- E6: É quando usamos os remédios caseiros para medicar nossa família.
- E7: Quando fazemos uso de remédio caseiro para nossa família.
- E8: São remédios caseiros feitos pelas pessoas que fazem uso delas. Onde deveria dar mais valor o conhecimento popular.
- E9: Tratamento com ervas.
- E10: Medicina popular, são os remédios feito de ervas medicinais que os nosso antepassados cultivava nos quintal de suas residências.
- E11: É a medicina de senso comum, que são passada de geração para geração.
- E12: Remédios caseiros.
- E13: Fazendo chás, xarope caseiro.
- E14: É aquela medicina de senso comum, passada de geração para geração.
- E15: A medicina popular são plantas nativas e cultivadas em casa.
- E16: São remédios feitos em casa, plantado no quintal e até mesmo em vasos.
- E17: Medicina praticada pela população, desde avós, mãe e tia com suas experiências com as plantas caseiras.
- E18: Remédios caseiros que consumimos
- E19: Medicina popular, como o nome sugere, é a medicina praticada pela população, passadas de geração para geração. Consiste em prática usadas pela população na prevenção de doenças, e de recuperação da saúde.
- E20:Conhecimento das plantas medicinais e seu uso.

**Excerto 2: Como você aprendeu a usar ervas medicinal? Caso tenha aprendido a utilizar com alguém, quem foi? ex: pais, avós, etc.?**

- E1. Aprendi a usar ervas medicinais com meus pais e com as pessoas mais antigas e fazendo curso sobre ervas medicinais.
- E2. Com minha mãe, que aprendeu com sua mãe, que aprendeu com minha avó.
- E3. Aprendi com minha mãe, avó, sogra e outras pessoas.
- E4. Com minha avó, que vem de geração pra geração.
- E5. Aprendi a usar e ter conhecimento por ver minha avó fazer uso e também minha mãe que me ensinou.
- E6. Sabendo da eficácia do uso de ervas medicinais, aprendi usar com meus pais.
- E7. Com minha mãe, e fazendo curso sobre plantas medicinais aprendi sua importância.
- E8. Aprendi a fazer uso das ervas medicinal com minha mãe e amigos que passam receitas de remédio que já fizemos e que o uso deu certo.
- E9. Com minha mãe.
- E10. Com meus pais e avós, pois sempre morei no interior.
- E11. Com minha mãe, avó e algumas vizinhas na hora que precisei.
- E12. Aprendi a usar com minha mãe. Tenho uma amiga com quem sempre trocamos receitas de como fazer e tomar os remédios

caseiros. Às vezes pergunta para pessoas mais velha que já tem experiência.

E13. Quando criança dificilmente meus pais nos levavam no médico, sempre nos tratavam com remédios caseiros.

E14. Com as pessoas de convívio, avós, conhecidos, amigos etc.

E15. Com os pais de colega, vizinho e com os meus pais.

E16. Através de conhecimento passado pela minha avó e mãe.

E17. Com minha mãe e fazendo curso.

E18. Vendo a minha mãe fazendo para nós criança e nos éramos muito e sempre moremos no sítio.

E19. Aprendi a utilizar principalmente ao frequentar a Pastoral da Criança na cidade de Nova Mutum, enquanto tinha meus filhos pequenos e adquiria xaropes para vermes, expectorantes e a multimistura para enriquecer a alimentação das crianças,

E20. Uma tia do meu esposo participou de capacitações através da Pastoral da Criança. Eu e ela sempre nos visitávamos e conversávamos e ela me mostrava cada planta cultivada em seu quintal. Ela é até hoje completamente apaixonada pelas plantas medicinais. Há alguns anos atrás participei de dois cursos do Senar: Usos e manipulação de plantas medicinais e outro/onde construímos uma horta medicinal no espaço escolar com a orientação de um Professor do Senar, “como cultivar plantas medicinais” e “horta medicinal.

### Excerto 3: Qual e a importância de fazer uso de plantas medicinais?

E1. Além de ser remédio natural, pode-se economizar na compra de outros medicamentos. Por ser um remédio natural, por se saber usar não faz mal a saúde.

E2. A importância é que é mais natural, acessível, acredito que não devemos utilizar só medicamentos farmacêuticos.

E3. Buscar outros recursos e não só remédios comprados. A importância é que a medicina alternativa não são prejudiciais a saúde.

E4. A importância é, que se utilizar de maneira correta, não faz mal a saúde.

E5. Sabe-se que remédio temos que ter cuidado e conhecimento para usar. Só uso os chás mais conhecidos.

E6. Por ser um produto natural.

E7. Sabendo fazer uso de plantas medicinais ela não tem custo nenhum e a cura é certa quando e doença não é crônica.

E8. São melhor porque é natural.

E9. Uma, não tem efeitos colaterais, e químicas, e financeiramente.

E10. A importância é por ser natural e tenho em meu quintal.

E11. Eu acredito na cura e vejo um melhor resultado fazendo certo o uso.

E12. Dificilmente tem contra-indicação.

E13. O uso da planta como remédio, acredito eu que é tão antigo quanto a história do homem, algumas se comprovou geneticamente, outras ainda permanecem a nível de senso comum.

E14. É remédio que fazendo o tratamento direito é curado.

E15. A importância que é natural, e se tomar com cautela não prejudica o estômago, como alguns remédios químicos que às vezes causa até úlcera.

E16. Porque sabemos que são plantas que cultivamos em casa e que não fazem mal.

E17. Não tem efeito colateral e é prático na forma de fazer o uso.

E18. Não tem efeito colateral e é prática na forma de fazer uso

E19: A principal é evitar o uso de medicamentos químicos. Manter

viva a prática cultural e principalmente prevenir doenças através do uso gratuito de plantas que estão do nosso alcance. Basta conhecê-los e saber como utilizar corretamente.

E20: É planta natural e que não vai fazer mal, claro se souber usar com cuidado.

### Excerto 4: Você costuma fazer uso de ervas medicinal para curar alguma enfermidade? Como descobriu?

E1. Sim, seguindo o exemplo dos pais.

E2. Sim, através da minha mãe, avó e através de leituras.

E3. Sim. Com conhecimento popular, livros de medicina natural.

E4. Sim. Através de pessoas mais idosas, pois elas são mais adeptas dos chás.

E5. Sim, através de minha avó, mãe, tia, etc.

E6. Uso os mais conhecidos, morando na zona rural, e com os meus pais e fazendo cursos.

E7. Sim, com minha mãe que aprendeu com minha avó.

E8. Sim, principalmente para bronquite e pneumonia, uma colega me passou a receita e faço uso até hoje (casca jatobá, eucalipto, limão, alho e mel).

E9. Sim. Através da minha mãe.

E10. Sim. Através de amigos, faço uso até hoje.

E11. Sim, os chás, xarope, dialogando com pessoas que fazem uso e a importância de cada uma planta.

E12. Sim, costume fazer uso do alho para infecção, repolho macerado para puxar inflamação de machucado, tomate para hemorróida, entre outros. Descobri com minha mãe e amiga.

E13. Sim. O que não aprendi com minha mãe, descobri em conversas com amigas.

E14. Sim, os chás principalmente, conversando com as pessoas, pesquisando etc...

E15. Sim, eu uso direto a folha do hortelã.

E17. Sim, através da minha avó e mãe. Gosto muito de ler os livros medicinal natural.

E18. Sim, sempre que eu ou alguém de casa está com alguma dor ou algum mal estar, sempre faço uso vendo minha mãe fazer.

E19. Sim, através de minha mãe.

E20. Costumo usar as plantas para curar anemia e resfriados. E já usei banho de ducha com chá de casca de caju, casca de manga, casca de goiaba e pedra hume para curar uma ferida no colo do útero, já havia diagnóstico médico e encaminhamento para o procedimento de cauterização hospitalar. Apenas com a aplicação da ducha diária fiquei com o colo uterino limpinho. E não me submeti à cauterização.

Conforme os relatos descritos nos excertos, percebemos que essas pessoas fazem o uso das plantas medicinais como remédio caseiro, e que é eficaz, uma vez que já foi comprovado os resultados obtidos no decorrer do tratamento da enfermidade. Podemos observar também os valores de cada pessoa nas práticas que trazem de sua cultura, tendo



também a consciência de que em algumas doenças crônicas, os remédios caseiros não podem substituir o tratamento alopático, de forma que os remédios caseiros se constituem como complemento, não podendo deixar de fazer o uso do remédio farmacêutico.

Segundo Giraldi e Hanazaki (2010), o emprego e uso de plantas medicinais para a manutenção e a recuperação da saúde tem ocorrido ao longo dos tempos desde as formas mais simples de tratamento local, até as formas mais sofisticadas de fabricação industrial de medicamentos. Ademais, os europeus que no Brasil chegaram logo se depararam com uma grande quantidade de plantas medicinais em uso pelos povos indígenas que aqui viviam, e receberam destes conhecimentos de suas propriedades e uso.

**Excerto 5: Quais plantas medicinais nativas e cultivadas que são mais conhecidas e utilizadas para o tratamento de doenças no assentamento?**

- E1. Terramicina, tançagem, boldo, arruda, erva de santa maria etc.
- E2. Cidreira, boldo, hortelã, erva santa maria, alho, limão, folha de laranjeira, folha de amora, a fruta do caju (folhas e casca), entre outras.
- E3. Babosa, macela, camomila, hortelã, boldo.
- E4. Manjerona, hortelã, maracujá, Marcelinha ou camomila, orégano, quebra pedra, poejo, picão, pata de vaca, salsa, roseira branca, romã, sene, tanchagem.
- E5. Quarantã, cajueiro, babosa, pata de vaca, caninha do bejo, raiz de amora e várias outras.
- E6. Uso, hortelã, poejo, limão, boldo, alho, cidreira, canela, cravo, melissa, guaco, tansagem, gengibre, algodão.
- E7. Poejo, boldo, hortelã, guaco, tansagem, barbatimão, graviola, sene, alho, limão com mel, cidreira.
- E8. Raiz e folha de salsinha- para infecção de bexiga, Erva santa maria com leite- para verme, Erve cidreira- calmante, Alho macerado- para qualquer infecção, folha de amora- reposição hormonal entre outros.
- E9. Guaco, poejo, manjerona, terramicina.
- E10. Noni, hortelã, Erva Santa Luzia, arnica, mastruz.
- E11. Babosa, melissa, alho, tomate, alecrim, arnica, anis-estrelado, arruda, cabelo de milho, broto de goiabeira, eucalipto, hortelã,

- barbatimão.
- Hortelã, erva cidreira, boldo, figatíl, salsinha, alho, tomate, repolho, barbatimão, jatobá, e tem muito mais são muitos os remédios usados para cura de enfermidade.
- E12. Bom eu aqui em casa uso, sumo de folha de algodão para doenças femininas, folha do guarantam para o colesterol, diabetes e mal estar do estomago, casca do cajueiro é um ótimo antiinflamatório e cicatrizantes para feridas.
- E13. Hortelã, poejo, arruda, boldo, carueja, losna, quebra pedra, tansagem.
- E14. Hortelã, puejo, abacaxi, alfavaca, e coco e mel.
- E15. Camomila, macela, guaco, Santa Maria, hortelã, boldo, alho, maracujá, limão, broto de goiaba, cebola (para gripe em forma de xarope), quebra pedra.
- E16. Boldo, picão, erva doce, alecrim, terramicina, óleo de copaíba, hortelã, entre outros.
- E17. Carqueja, boldo, hortelã, alho, limão, poejo, alecrim, folha de goiaba, picão, folha de batata doce, folha da graviola, babosa, terramicina, erva doce, capim cidreira.
- E18: Carqueja, boldo, hortelã, alho, limão, poejo, alecrim, folha de goiaba, picão, folha de batata doce, folha da graviola, babosa, terramicina, erva doce, capim cidreira.
- E19: Capim cidreira, terramicina, boldo, picão, alfavaca, alecrim, casca de jatobá, óleo de copaíba, raiz de salsinha, caninha do brejo, camomila, erva doce e funcho
- E20: Quebre pedra, picão, hortelã, poejo, guaco, erva cidreira de folha, erva doce, terramicina, camomila, caju, folha de abacate, folha de goiaba, boldo, babosa, arruda, entre outras.

**Excerto 6: De que maneira é feito o cultivo, a colheita e a secagem das ervas?**

- E1: Deve ser cultivado antes do sol nascer e deixar secar na sombra.
- E2: Manual e bem cedinho antes do sol nascer, e faço secagem na sombra e uso ela verde e também faço uso das cascas, guardo no lugar bem fresco e seco.
- E3: Colhe quando precisa, não faz secagem.
- E4: Bom, no meu caso, eu colho as folhas, espero secar para fazer o chá, no cultivo muitas delas são árvores nativas e os chás na horta.
- E5: Manual, algumas colho as folhas, uso ela verde ou faço secagem na sombra.
- E6: Nós plantamos pouco, usamos mais as folhas, não faço secagem das ervas.
- E7: Costumo fazer manual, gosto de colher bem de manhã antes do sol sair ou bem de tarde, uso as folhas verde ou faço secagem na sombra porque dura mais.
- E8: Na própria horta ou quintal da minha casa tenho esses remédios outras é nativa. A colheita deve ser feita antes do sol nascer ou depois que o sol entrar e a secagem é na sombra.
- E9: Eu uso verde mesmo.
- E10: Manual, outras in natura.
- E11. Muitas são usada verdes, outras deixo secar na sombra, gosto de colher antes do sol sair.
- E12. Antes do sol nascer ou depois que o sol se por e também não fazer colheita na época da floração e frutos no mês de julho a novembro.
- E13. As ervas são colhidas verdes e secadas na sombra.
- E14. Não domino o assunto.
- E15. É retirado as folhas com a tesoura e deixa secar na sombra.
- E16. Como tenho em casa, gosto de colher na hora do uso.
- E17. Prefiro preparar o lugar (canteiro) em lugar bem apropriado onde não entra animal, prefiro colher de manhã ou bem de tardinha,

utilizo todas na hora que colho.

E18: Lugar fechado e gosto de usar esterco orgânico, e gosto de fazer a colheita bem cedinho ou tardinha, faço uso quando colho ou deixo secar quando preciso.

E19: O plantio deve ser em local cercado e com adubação orgânica do solo. A colheita deve ser realizada de manhã e no final da tarde, após a colheita se realiza a limpeza, seleção e lavagem das plantas. A secagem deve ocorrer na sombra, em local bem ventilado e protegido de poeira e insetos.

E20: Prefiro preparar o canteiro ou os vasos com esterco orgânico faço muita garrafada tanto para mim como para os vizinhos.

### **Excerto 7: Quais ervas medicinais que costuma utilizar, e para que servem?**

E1: Boldo bom para o fígado; tancagem bom para infecção.

E2: Boldo para o fígado; folha de amora para infecção na bexiga.

E3: Hortelã para dor de barriga, caninha do brejo- para rins e bexiga, guarantã- para controlar a diabetes e males do fígado.

E4: Marcelinha: calmante, favorece o sono; hortelã: digestivo; romã com gargarejo pra dor de garganta. Boldo para estômago, hortelã para vermes, alho-limão-mel como xarope para gripe, tosse.

E5: Faço uso da folha de amora para reposição hormonal, insulina caseira para auxiliar doença na diabete e a batata yacom para diabete.

E6: Guaco para gripe. Teramicina para feridas.

E7: Noni. Coloca no álcool para passar nas pernas,; folha Santa Luzia: amassar e pingar o líquido nos olhos.

E8: Babosa para queimadura, alho para infecção, folhas de eucalipto para inflamação de garganta, entre outras plantas.

E9: Capim cidreira para calmante, folha de amora para reposição hormonal.

E10: Folha de maracujá é calmante, folha da goiabeira para diarreia, flor do mamão para tosse.

E11: Os chás, digestão, relaxamento, calmante, diurético etc...

E11: Hortelã: pra gripe e verme.

E12: Quebra pedra: para infecção e pedra no rins, hortelã: para o estômago e vermes.

E13. Hortelã: dor no estomago e verme e insônia; capim cidreira: calmante.

E14. Boldo, hortelã: para o estomago; terramicina: para febre e dor; erva doce: prisão de ventre e calmante.

E15: Barbatimão: infecção na bexiga; graviola: suco ou chá das folhas bom para emagrecer; cidreira: porque tenho muita insônia.

E16: Quebra pedra: para infecção e pedra no rins, hortelã: para o estomago e vermes.

E17: Hortelã: dor no estomago e verme e insônia, capim cidreira: calmante.

E18 Boldo, hortelã: para o estomago, terramicina: para febre e dor, erva doce: prisão de ventre e calmante.

E19: Chás: capim cidreira, melissa, erva doce, camomila são digestivos e favorecem o sono, uso como bebida após a refeição, (lanche ou janta). E para resfriados: poejo, hortelã, terramicina, alfavaca, etc. Boldo, figatil, e estomalina para resolver indisposições estomacais e do fígado.

E20: Costumes utilizar varias, e serve para: infecção de urina, febre, calmante, estomago.

### **Excerto 8: Você acha que atualmente o uso dessas ervas medicinais diminuiu? Por quê?**

E1: Sim, porque as gerações de hoje não têm o habito de usar medicamentos caseiro.

E2: Um pouco, porque a maioria das pessoas querem comodidade.

E3: Sim, diminuiu, pois as pessoas relaxam e logo vão à farmácia.

E4: Sim porque remédios comprados às vezes fazem efeito mais rápido! Não que os chás não funcionam, mas e mais demorado o efeito.

E5: Um pouco, porque tem muita família que fazem pouco uso.

E6: Porque as pessoas gostam de comodidade e têm preguiça de fazer.

E7: Sim. As pessoas acham mais fácil comprar remédios.

E8: A maioria da população não tem o conhecimento dos seus benefícios e como cultivá-las.

E9: Pelas pessoas mais velha não, mais para os jovens é bem mais fácil ir na farmácia e comprar, menos trabalho.

E10: Porque são pouco repassado os saberes e as pessoas vão esquecendo.

E11: Sim, é bem mais fácil ir na farmácia e comprar, menos trabalhoso.

E12: Com os laboratórios farmacêuticos o uso de remédio alopáticos houve uma certa diminuição no uso, mais atualmente se percebe uma forte tendência a homeopatia e fitoterapia.

E13: Sim, por que os jovem não acreditam nas ervas medicinal, e os pais não ensinam.

E14: A maioria não deixaram de fazer o uso.

E15: Sim, eu aprendi com minha mãe que me repassou o que ela sabia, só que tem mãe que não ensina seus filhos.

E16: Sim, e não, porque muitas pessoas fazem uso de ervas medicinal, porém outros prefere as coisas mais fácil.

E17: Sim, eu aprendi com minha mãe que me repassou o que ela sabia, só que tem mãe que não ensina seus filhos.

E18: Sim e não, porque muitas pessoas fazem uso de ervas medicinal, porem outros prefere as coisas mais fácil.

E19: Sim, porque o conhecimento não é repassado ou não interessa as novas gerações. E atualmente é mais fácil adquirir medicamentos nas farmácias e eles também são distribuídos pela rede publica de recuperação da saúde.

E20: Sim, porque os jovens não têm interesse e prefere comprar.

### **Excerto 9: Você acha que essa nova geração tem hábito de usar remédio caseiro para curar doenças da família?**

E1: Muito pouco.

E2: Um pouco, não são todos que mentem o ensinamento passado pelas mães, avos, tias.

E3: A maioria não.

E4: Se os costumes vêm de geração pra geração sim, no meu caso sim, e vou passar para os minhas filhas.

E5: Muito pouco.

E6: Muito pouco.

E7: Nem todas, mais algumas sim.

E8: Eu ensino a minha filha e ela faz o uso do remédio caseiro. Mas está ficando esquecido para essa nova geração.

E9: Não.

E10: Não, por não conhecer.

E11: Alguns sim por manter a tradição e cultura que minha mãe me passou.

E12: Alguns sim outros não.  
E13: Não.  
E15: Às vezes.  
E16: Não.  
E17: Alguns sim.  
E18: Muito pouco, porque é mais fácil ir na farmácia e comprar, mesmo que tenha o seu custo.  
E19: Quando já traz de berço com o aprendizado de sua avó, mãe sempre vai fazer, vai manter sua cultura.  
E20 Bem pouco, só aqueles que leva com sigo o aprendizado da mãe, avós e tia.

### **Excerto 10: Você agora se for necessário tomar medicamentos prefere recorrer à farmácia ou se medicar com remédio caseiro?**

E1: Depende da situação. Tem enfermidades que só cura com remédios caseiro e outros com medicamentos da farmácia.  
E2: Se vejo que é coisa simples prefiro um chá natural, agora se for algo que sei que não vou melhorar procuro o médico.  
E3: Quando tenho a erva utilizo.  
E4: Ah, depende do caso, se o remédio caseiro fizer efeito rápido. Nada impede de tomar remédio comprado e continuar fazendo tratamento com chás.  
E5: Eu já faço uso de ervas medicinais, mas também procuramos o médico.  
E6: Nós temos costume de tomar remédio caseiro, mas também procuramos o medico.  
E7: Gosto de fazer uso de ervas naturais, mas quando preciso também procuro o médico e faço uso de remédios químicos.  
E8: E eu continuo fazendo uso do remédio caseiro, com certeza só recorro à farmácia se não houver outro jeito mesmo.  
E9: Com remédio caseiro.  
E10: Uso remédio químico, mas quando tenho o caseiro no meu quintal e sei que vai resolver o meu problema, sempre o uso.  
E11: Se vejo que é uma coisa simples que o remédio caseiro vai resolver sim, porque tem alguma doença que só com remédio químico.  
E12: Prefiro primeiro o remédio caseiro só se não houver jeito que vou à farmácia.  
E13: Primeiro eu tento todos os remédios caseiros, só vou no médico em casos mais graves.  
E14: Depende a gravidade da situação.  
E15: Eu primeiro recorro ao remédio caseiro se não melhorar, aí sim eu vou à farmácia.  
E16: Se preciso faço uso de remédios comprados.  
E17: Eu como não gosto de ta tomando remédio de farmácia, só quando não tem jeito. Prefiro fazer uso de remédios caseiros que sei o que tomo.  
E18: Faço uso dos remédios caseiros, porém tem alguma doença que necessita de remédios comprado (farmacêutico).  
E19: Prefiro os remédios caseiros. Gostaria de utilizar com mais frequência. Acompanhados de uma boa caminhada.  
E20 Uso muito remédio caseiro, porém quando é algo mais grave que vejo que não resolver vou ao médico.

### **Excerto 11: Após preparar um xarope ou qualquer outro remédio caseiro, existe prazo de validade?**

E1: Existe prazo de validade e deve deixar em lugar adequado.  
E2: Assim como os remédios químico têm sua validade, os remédios natural (caseira) também.  
E3: Sim, porque ele pode azedar, ou perder o efeito.  
E4: Com certeza, por exemplo, o chá deve ser feito todo dia com poucas doses para ser consumido no mesmo dia.  
E5: Sim, na maioria dos chás faz no dia e tome três vezes ao dia, se for xarope se conservar em geladeira de 15 a 30 dias.  
E6: Sim, na maioria dos xarope vale por 6 meses.  
E7: Sim, tanto chás, xarope e até mesmo pomada tem seu prazo de validade sempre de 15 a 30 dias se guardando no lugar certo.  
E8: Com certeza. O xarope deve conservar na geladeira até 3 meses e o chá deve fazer de manhã e consumir até a tarde, não deve tomar no dia seguinte.  
E9: Acredito que sim.  
E10: Sim, geralmente menos de 15 dias, conservado em geladeira.  
E11: Sim qualquer remédio tem seu prazo de validade, seja ele caseiro ou químico.  
E12: Sim, melhor consumir com quinze dias e os chás e no dia.  
E13: Sim, pois eles não têm conservantes e podem azedar.  
E14: Acredito que sim, como tudo, eu pelo menos faço e uso, não guardo.  
E15: Sim.  
E16: Sim, não é porque é natural que não temos que ter cuidado.  
E17: Assim como qualquer produto tem sua validade, os remédios caseiros também, temos que ter muito cuidado porque tudo vence.  
E18: Costumo guarda em lugar bem arejado, geladeira e prefiro consumir entre dez ou quinze dias.  
E19: Com certeza. Os chás e sumos de plantas medicinais devem ser consumidos logo após o preparo. Os xaropes possuem prazo de validade maior, devem ser envasados em recipientes de vidro (esterilizado) e podem ser mantidas sob refrigeração para garantir que não haja fermentação.  
E20: Sim, entre 10 a 15 dias e se for chás prefiro consumir no dia.

### **Excerto 12: Você acha que as invenções e as descobertas científicas podem tomar o espaço da sabedoria popular?**

E1. Pode se as pessoas deixar-se elevar por elas.  
E2. Pode se as pessoas deixarem de fazer uso de plantas medicinais.  
E3. Acredito que sim.  
E4. Pode até ser que sim, pois a ciência hoje em dia esta muito avançado. Mas quem sabe que se eu tiver com uma dorzinha, sabendo que, por exemplo, um chá de boldo vai me aliviar uma azia, mal estar. Vou preparar um na hora. Acho que remédios caseiros nunca caíram fora, sempre tem um chazinho que você precisa.  
E5. Devido à comodidade das pessoas, quando precisa é só ir na farmácia e comprar. Porém alguns mentem as suas tradições e culturas que trazem de família, por isso acho que não.  
E6. Já está menos o uso de ervas medicinais, mas não vai tomar todo o espaço.  
E7. E muito utilizado, mais as pessoas não deixam de fazer uso das plantas medicinais.  
E8. Dos o mais velho não, mas para os jovens de hoje em dia sim

com certeza.  
E9. Não.  
E10. Nunca, mas sempre vão andar lado a lado.  
E11. Não digo tomar o espaço, mais com tantas experiências que vem fazendo para achar a cura de doença, são mais utilizado os remédios químico.  
E12. Dificil, mas não impossível.  
E13. Sim, é uma pena que até hoje não encontraram um remédio para combater o câncer.  
E14. Não, eu acredito que qualquer descoberta científica, passa primeiro pelo nível do senso comum (sabedoria popular).  
E15. Sim, ou não, porque as duas andam juntas.  
E16. Não, porque os científicos também fazem pesquisas com muitas plantas, assim como a graviola que esta sendo pesquisada para o câncer entre outras.  
E17 Não, porque sempre vai ter alguém repassando seus saberes e sempre mantendo sua cultura.  
E18: A ciência esta cada dia mais avançada nas suas pesquisa para cura da doenças, mais sempre vou fazer uso de remédios caseiros e vou passar para os meus filhos, por isso não acho que a ciência faça com que as famílias deixa de fazer o uso de erva medicinal.  
E19: Não, porque a sabedoria popular é rica e apresenta uma diversidade de saberes. O que os pesquisadores e cientistas fazem é se apropriar do conhecimento popular, dando nome científico a saberes populares. Extraído substancias naturais e buscando incessantemente obter lucro com a industrialização. E promovendo vendas com investimentos altíssimos em propagandas veiculadas pela mídia e ainda afirmam que são ecologicamente corretos.  
E20: Não, porque os científicos também fazem suas experiências com plantas.

Como podemos constatar nos excertos, a comunidade do Pontal do Marape faz uso sistemático das plantas medicinais como alternativa no tratamento de doenças. Segundo GiralDI e Hanazaki (2010), a percepção acerca do poder curativo de algumas plantas é uma das formas de relação entre populações humanas e plantas. Para as autoras, as práticas relacionadas ao uso tradicional de plantas medicinais são o que muitas comunidades têm como alternativa para a manutenção da saúde e/ou o tratamento de doenças. No entanto, sua continuidade pode ser ameaçada pela interferência de fatores como maior exposição das

comunidades à sociedade urbano-industrial e, conseqüentemente, às pressões econômicas e culturais externas; e maior facilidade de acesso aos serviços da medicina moderna (AMOROZO 2002) *apud* (GIRALDI; HANAZAKI, 2010).

Por outro lado, as autoras acreditam que a introdução da medicina moderna traz outra opção para as práticas de saúde locais já estabelecidas, e pode não eliminar o uso da medicina popular. E que, ao invés disso, em muitas instâncias, procedimentos da medicina moderna e da medicina popular são complementares.

### Considerações Finais

Após análise dos dados, das leituras dos textos dos diversos autores que embasaram a pesquisa como Lorenzi (2002), Creswell (2007), Caldart (2000), dentre outros, pode-se concluir que as pessoas fazem uso de plantas medicinais e que estas fazem parte de uma cultura que prevalece ao longo historia da humanidade. A pesquisa realizada teve o objetivo caracterizar as informações etnobotânica sobre as plantas medicinais, indicada pelas pessoas entrevistadas no assentamento Pontal do Marape MT, que fazem uso das plantas medicinais para prevenção e tratamento de diversas doenças. Para tanto, foi realizado um levantamento

sobre as espécies de plantas mais indicadas e os saberes de como colher e as formas de uso.

O estudo evidenciou que o tratamento com plantas medicinais é difundido e aceito pelas pessoas entrevistadas, que as utilizam nos tratamentos de várias enfermidades. Não obstante, a utilização dessas plantas requer conhecimento e muito saber etnobotânico farmacológico para o devido entendimento das propriedades toxicológicas. Por serem plantas cultivadas nos quintais ou nativas, elas podem-se tornar prejudicial à saúde se colher ou consumir de forma inadequada. Por isso é preciso ter orientação de pessoas com experiências no assunto acerca de plantas medicinais para obter melhor resultado sem ter prejudicar a saúde.

Percebemos que o cultivo das plantas permanece de forma abrangente nos quintais e hortas caseiras. A planta nativa tem um potencial igualitário na forma de utilização e os cuidados de conservação para a saúde, isso já vem de geração para geração ao longo dos anos, numa relação permanente relação entre o homem e a natureza. Com efeito, a pesquisa constatou que, sabendo fazer o uso adequado das plantas medicinais, a pessoa não tem custo nenhum, e a cura ocorre, desde que a doença não seja crônica ou de maior complexidade. Como exemplo, cito o tratamento para bronquite, pois, uma colega me passou a receita que faço uso sempre que

preciso, fazendo xarope, utilizando casca de jatobá, eucalipto, limão, alho e mel. Também uso chá de raiz e folha de salsinha que serve para infecção de bexiga; de Erva Santa Maria com leite que é eficaz no tratamento de verme; de erva cidreira que é calmante; de alho macerado que serve para qualquer infecção, e de folha de amora que é um ótimo remédio para reposição hormonal.

Sendo assim, os resultados da pesquisa nos mostram que as plantas medicinais não só são usadas como uma prática de medicina alternativa pela comunidade do Pontal do Marape, como também é parte de uma cultura que é preservada. Todos, desde criança, aprendem a valorizar e usar as plantas medicinais mediante a ação dos mais velhos, que se preocupam em repassar os conhecimentos e saberes para os mais novos, favorecendo a perpetuação de uma parte importante da cultura do homem do campo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Severina Alves de, ALBUQUERQUE, Francisco Edviges e AOKI, Ana Paula. Etnografia e Observação Participante: O Trabalho de Campo e a Pesquisa Qualitativa no Contexto Indígena Apinayé. In. ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves de. **Educação Escolar Indígena e Diversidade Cultural**. Editora da PUC, Goiás – Goiânia, 2012.

ALMEIDA, Severina Alves de. **A Educação Escolar Apinayé na Perspectiva Bilingue e Intercultural: Um Estudo Sociolinguístico das Aldeias São José e Mariazinha.** Dissertação. 2011. Disponível: [www.uft.edu.br/ppgl-mell](http://www.uft.edu.br/ppgl-mell). Acesso: 15-Nov-2014.

ALVARENGA, CLAUDINEI MARIANO. **A Educação do Campo no Assentamento Pontal Do Marape.** Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília. 2013. Disponível: [www.unb.br](http://www.unb.br). Acesso: 10-Nov-2014.

ALVES, Andréa Regiani, SILVA, Maria Júlia Paes da. O uso da fitoterapia no cuidado de crianças com até cinco anos em área Central e periférica da cidade de São Paulo. Rev. Esc. Enferm USP, 2003.

RIBEIRO, Marlene. Pedagogia da Alternância na Educação Rural do Campo: projeto em disputa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 34, jan/abr. 2008. Material impresso.

ATAÍDE, Denyse Mota da Silva. **Letramento Digital e Formação de Professores: Limites e Potencialidades na Perspectiva do Plano Nacional De Formação De Professores (PARFOR).** Dissertação. 2012. Disponível: [www.uft.edu.br/ppgl/mell](http://www.uft.edu.br/ppgl/mell). Acesso 11-Nov-2014. Acesso 20-Nov-2014.

BRASIL. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.** Resolução CNE/CEB Nº.1 de 3 de Abril de 2002.

BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo (2010). [censo2010.ibge.gov.br/](http://censo2010.ibge.gov.br/). Acesso:12-Nov-2014.

CALDART, Roseli Salette. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que**

escola/Roseli Salette Caldart. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CHECHETTO, F. Plantas medicinais, transdisciplinaridade e saúde coletiva – Lages: **Revista de Ciência Agroveterinárias.** 2006.

CORDEIRO, Georgina N. K.; REIS, Neila da Silva; HAGE, Salomão Mufarrej. Pedagogia da Alternância e seus desafios para assegurar a formação humana dos sujeitos e a sustentabilidade do campo. **Em Aberto, Brasília, v. 24**, n. 85, p. 115-125, abr. 2011. Disponível on line: <http://emaberto.inep.gov.br>. Acesso: 15-Nov-2014.

COSTA, Valquiria Gabriel da. **A Escola Municipal do Campo Jorge Carlos Ferreira.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade UnB Planaltina. 2013. Disponível: [www.unb.br](http://www.unb.br). Acesso: 10-Nov-2014.

COUTO, Hildo Honório do. **Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente/Hildo Honório do Couto.** Brasília: Thesaurus, 2007.

CRESWELL, John w. **Projeto de pesquisa qualitativa, quantitativa e mista.** 2 Ed. Porto Alegre: Artmed. 2007.

FURTADO, Ricardo Andrade. **Avaliação do efeito do ácido rosmarínico sobre os danos de DNA em células de mamíferos in vivo e in vitro e sobre a carcinogênese de cólon de ratos.** <http://www.bv.fapesp.br/pt/bolsas/>. 2010. Acesso: 21-Nov-2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas em pesquisa social.** 9ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIRALDI, Mariana e HANAZAKI, Natalia. **Uso e conhecimento tradicional de plantas**

**medicinais no Sertão do Ribeirão**, Florianópolis, SC, Brasil, 2010.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. Nova Odessa: Plantarum, 2002.

MACHADO, Marilza. Metodologia participativa como ferramenta agroecologia em comunidade rurais e tradicionais. 2007. In: RECK, Jair (ORG). **Novas Perspectivas para Educação do Campo em Mato Grosso, contextos e concepções: (RE)** significado a aprendizagem e a vida.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica: ciência e conhecimento científico**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MOLINA, Mônica Castagna. Políticas Públicas. In **Dicionário da Educação do Campo**. CALDART, et. all. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

MONTELES, Ricardo; PINHEIRO, Claudio Urbano B. Plantas medicinais em um, quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. *Revista de Biologia e Ciência Da Terra*. Volume 7- número 2 – 2º semestre 2007.

MONTELES, Ricardo; PINHEIRO, Claudio Urbano B. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Revista de Biologia E Ciências da Terra**. Volume 7 – numero 2-2º semestre 2007.

OLIVEIRA, Lia Maria Teixeira de.; CAMPOS, Marília. Educação Básica do Campo. In **Dicionário da Educação do Campo**. CALDART, et. al. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

PILLA, Milena Andrea Curitiba, AMOROZO, Maria Christina de Mello e FURLAN, Antonio. **Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco**, Município de Mogi – Mirim, SP, Brasil. 2006.

REZENDE, Helena Aparecida, COCCO, Maria Inês Monteiro. **A utilização de fitoterapia no cotidiano de uma População Rural**. 2002.

RODRIGUES, A. C. C.; GUEDES, M. L. S. Utilização das plantas medicinais no Povoado Sapucaia, Cruz das Almas Bahia. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Botucatu, v.8, n.2, 2006.

ROGER, Jorge Pamplona. **O poder medicinal dos alimentos**. Tradução Dóris A. de Matos. Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

ROSSETTO, Edna R. Araujo; SILVA, Flávia Tereza. Ciranda Infantil. IN: CALDART, Roseli; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

SPETHMANN, Carlos Nascimento. **Medicina Alternativa de A a Z**. 6º Edição, Editora Natureza. Uberlândia, MG. – 1967.

TOMAZZONT, Marisa Ines, NEGRELLE, Raquel Rejane Bonato e CENTA, Maria de Lourdes. **Fitoterapia Popular: A busca instrumental enquanto pratica terapêutica**. 2006.

UNB. Universidade de Brasília. Faculdade de Planaltina – FUP. Licenciatura em Educação do Campo. **Projeto Político-Pedagógico do Curso**. 2009. Disponível: [www.unb.br](http://www.unb.br). Acesso 10-Nov-2014.

VIEIRA, Isabela. Pesquisadores estendem uso de álcool perílico a tratamento de câncer de pulmão. 2012. <http://memoria.ebc.com.br/> Acesso 21-Nov-2014.

## SITES DA WEB CONSULTADOS

<http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia>. Acesso: 21-Nov-2014.

<https://www.google.com.br/>. Acesso em: 09-Nov-2014

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia\\_de\\_Mato\\_Grosso](http://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia_de_Mato_Grosso): Acesso 11.Nov.2014;

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Nova\\_Mutum](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_Mutum). Acesso em: 09-Nov-2014

<http://www.novamutum.mt.gov.br/>. Acesso em 09-Nov-2014

[www.incra.gov.br/incra-mt](http://www.incra.gov.br/incra-mt). Acesso 10-Nov-2014.

<http://www.fup.unb.br/>. Acesso em 09-Nov-2014).

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Simbiose>. Acesso em: 17-Nov-2014.

<http://www.cee.unifesp.br/etnofarmacologia.htm>. Acesso em 11-Nov-2014.

<http://www.cee.unifesp.br/etnofarmacologia.htm>. Acesso em 11-Nov-2014.

<http://www.remedio-caseiro.com/erva-de-santa-maria-e-suas-propriedades>). Acesso em: 11/Nov/2014.

<http://www.dicio.com.br/vermifugo/> Acesso 21-Nov-2014

<http://www.saudedica.com.br/hortela>. Acesso em: 11-Nov-2014.

<http://www.remedio-caseiro.com/erva-de-santa-maria-e-suas-propriedades>. Acesso em: 11-Nov-2014.

<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2012-07-22/pesquisadores>. Acesso: 21-Nov-2014.

<http://www.google.com.br>. Acesso em: 11-Nov-2014

<http://www.tuasaude.com/babosa>. Acesso em: 11-Nov-2014

<http://chabeneficios.com.br/cha-de-algodoeiro-beneficios>. Acesso: 21-Nov-2014.

<http://www.remediocaseiro.com>. Acesso em: 11-Nov-2014.

<http://www.campestre.com.br/oleo-de-algodao.shtml>. Acesso em: 11-Nov-2014.

<http://www.campestre.com.br/oleo-de-algodao.shtml>. Acesso em: 11-Nov-2014.

<http://chabeneficios.com.br/cha-de-algodoeiro-beneficios-e-propriedades/> Acesso: 21-Nov-2014.

<http://bemleve.bolsademulher.com/3794/cha-de-capim-cidreira-reduz-o-inchaco-e-melhora-o-sono>. Acesso em: 11-Nov-2014.

<http://www.remedio-caseiro.com/macela>. Acesso: 11-Nov-2014.

<http://www.colegioweb.com.br/saude/capim-cidreira-beneficios>. Acesso: 11-Nov-2014.

<http://saude.umcomo.com.br>. Acesso em: 11-Nov-2014.

<http://saude.umcomo.com.br/articulo/beneficios-do-cha-de-boldo>. Acesso em: 11-Nov-2014.